

# Paquistão, refém dos religiosos – A esquerda radical na resistência

*A Suprema Corte do Paquistão havia declarado Asia Bibi inocente do crime de blasfêmia pelo qual foi anteriormente condenada à morte. Os movimentos religiosos não aceitaram a decisão e reagiram, convocando a paralisação do país, através do bloqueio de estradas, abrindo uma grande crise política. Pierre Rousset estava em Lahore precisamente neste momento e segue o seu relatório.*

A esquerda radical de Paquistão celebrou de 9 a 11 de novembro no 50º aniversário dos levantes de 1968-69, uma crise mais profunda que a experimentada na França. Convidaram-me para apresentar “nosso maio de 68”. Um grupo de mulás, regressando de uma visita à Meca, estava no avião que nos levava a Lahore. Foram amáveis comigo, mas não com suas irmãs. Tive que mudar de lugar duas vezes porque não queria se sentar ao lado de uma mulher. A dama paquistanesa sentada a meu lado, com a cabeça descoberta, estava tensa. A aeromoça estava se exasperando. Atmosfera.

A Suprema Corte inocentou Asia Bibi em 31 de outubro – o dia da minha chegada. Um novo partido religioso radical, o Tehreek-e-Labaik Pakistan (TLP) [2], convocou preventivamente o bloqueio das estradas para expressar sua alegria, caso a sentença de morte de Asia Bibi fosse confirmada, ou para ir à contraofensiva em caso contrário. Outros movimentos fundamentalistas aderiram à mobilização. Meu amigo Farooq me pegou de carro (ele teve que acordar muito cedo para ter certeza de estar na hora certa). Todas as saídas da zona do aeroporto estavam fechadas. Passamos um bom tempo até encontrar uma brecha, depois procuramos estradas secundárias que nos permitissem chegar a sua casa.

Asia Bibi é cristã, trabalhadora agrícola, pobre, mãe de cinco filhos. Ela está na prisão há quase 10 anos, sentenciada à morte, acusada de usar água de um poço “reservado” para os muçulmanos [3]. A Suprema Corte reconheceu que a acusação era inconsistente e que havia indícios de vingança local contra ela. A lei da blasfêmia era originalmente um legado da colonização britânica, mas foi endurecida em 1986 pelo general Zia-ul-Haq. Desde então, essa lei tem sido usada muitas vezes em conflitos religiosos sectários, para acertar contas pessoais ou tomar posse de propriedades cobiçadas. A maioria das vítimas são muçulmanas, mas as minorias (3% da população) estão sob constante ameaça de limpeza religiosa. Vilas inteiras podem ser atacadas por suposta blasfêmia.

Originalmente, o Paquistão não era um estado islâmico. Mas, como era provável, a podridão foi se instalando. A divisão do Império Indígena Britânico em 1947 baseava-se em uma divisão religiosa (hindus e muçulmanos), causando enormes deslocamentos populacionais e numerosos massacres. As províncias foram cortadas em dois: Punjab no oeste, Bengal no leste (a fronteira com o Paquistão Oriental que se tornou em 1971 um país independente, Bangladesh). Em seu primeiro discurso na Assembléa Nacional do Paquistão [4], Muhammad Ali Jinnah, o “pai fundador”, reconheceu que sua política de partição anterior estava sendo criticada.

O novo estado era uma república islâmica; mas ele queria que fosse aberto a todas as religiões, todas as castas, todas as classes sem discriminação. As leis em vigor foram herdadas da lei inglesa ou das tradições consuetudinárias. A islamização do país foi feita contra essa herança de Jinnah. Foi totalmente cumprida apenas sob a ditadura do general Muhammad Zia-ul-Haq, que assumiu o poder em 1977. De forma alguma foi uma resposta a uma ameaça externa (Washington apoiou o Paquistão contra a Índia e Moscou). Isso serviu para consolidar o poder ilegítimo.

O preço dessa islamização forçada era alto. Doravante,

qualquer pessoa acusada de blasfêmia ou que proteste contra essa lei encontra-se em perigo de morte. Em 2011, o governador da província de Punjab, um membro do partido do governo, Salman Taseer, foi assassinado por sua guarda pessoal porque defendera Asia Bibi. Os juizes da Suprema Corte, os advogados que defenderam a Ásia, assim como seus parentes, estão agora sendo ameaçados.

Nesta situação de grande tensão, realizar reuniões contra todas as probabilidades é percebido como um ato de resistência. Eu me encontrei com estudantes pela primeira vez e eles temiam tem apenas 3 ou 4 presentes, mas aproximadamente 30 vieram. Então passei um dia com membros e simpatizantes da Quarta Internacional. Deveria ter sido uma reunião nacional. A participação foi reduzida, até mesmo os sindicalistas dos subúrbios de Lahore não puderam vir: os portões da cidade foram bloqueados. No entanto, a reunião aconteceu.

No fim de semana, a organização The Struggle, que recentemente estabeleceu vínculos regulares com a Quarta Internacional, realizou seu congresso. Cerca de 2000 participantes eram esperados; mais de 1600 vieram. Dada a situação, foi um verdadeiro sucesso, mesmo que a participação das mulheres tenha sido reduzida (é muito perigoso para as mulheres se movimentarem quando os mulás bloqueiam as estradas). Seu congresso aconteceu sob uma grande bandeira celebrando os anos de 68 e 69. Assim, nestas circunstâncias, a presença de um francês que experimentou pessoalmente esta década foi duplamente apreciada: um passado de lutas comuns, a afirmação da solidariedade em tempos de crise.

Movimentar-se era um quebra-cabeça constante, mas o laço estava se afrouxando. Sob a pressão das ruas, o governo comprometeu-se com o TLP, permitindo-lhe apelar contra a decisão da Suprema Corte. Imran Khan, o novo primeiro-ministro, foi eleito com o apoio dos militares e estava buscando persuadir os fundamentalistas. Esse é o problema do Paquistão. Governos sucessivos têm cedido regularmente às

demandas dos fundamentalistas. Como voltar atrás?

Consegui chegar ao aeroporto em segurança para o meu voo de regresso – mas o destino de Asia Bibi ainda está em espera. Ela ainda está na prisão, em um lugar secreto seguro? Nós não sabemos. A pressão internacional é forte e Imran Khan deve levar isso em conta. Esperançosamente.